

ONDE NASCEM AS IDEIAS? _ TRANSCRIÇÃO
EPISÓDIO MANA BERNARDES

TC _ (00:52 - 00:55)

Mana:

Jorge, é Mana.

TC _ (01:09 - 01:09)

Mana:

Obrigada.

TC _ (01:26 - 01:29)

Bom dia! tudo bom?

TC _ (02:01 - 02:03)

Mana:

Ontem a gente nem se falou, né?.

TC _ (02:07 - 02:57)

Mana:

Há quatro anos atrás eu comecei a trabalhar para uma grande marca, a maior loja de departamento do Brasil e quando eles me contrataram eles me falaram: como você trabalha? Você manda os desenhos pra gente e a gente envia pras fábricas? E eu falei: não, eu não trabalho assim. Na verdade meu trabalho sempre foi uma intercessão entre a arte, o design e o desenvolvimento humano. Então assim, tudo o que eu faço eu tento casar essa tríade de alguma forma. Eu falei: não, eu trabalho dentro das fábricas, eu preciso ir pra fábrica, criar uma relação com a fábrica e a partir dessa relação é que a coleção pode sair. Eu não me considero uma designer de objetos necessariamente. Objeto pra mim é uma consequência de uma relação bem desenhada, sabe?

TC _ (03:57 - 04:38)

Mana:

Essa fábrica é uma fábrica que existe exatamente igual se ela, se ela fosse há 300 anos atrás. Então não tem nada aqui que é diferente, todos os processos passam pelo manual, pelo artesanal, pelo sopro, pela mão, pelo corpo! É um balé, né? Então vocês estão assistindo aqui uma dança, uma coreografia onde cada homem tem o seu movimento, a sua autonomia, o seu tempo, usam o braço, usam a perna, usam o pulmão. E isso é muito bonito! A corporalidade desses homens que estão aqui dentro com esse material que é líquido e que depois se torna sólido através do fogo.

TC _ (05:02 - 05:18)

Mana:

E essa fábrica, ela é exatamente o encontro do meu sonho mais infantil, assim. Quando eu era criança, eu sempre imaginei assim, que eu ia trabalhar numa fábrica que tivesse reciclagem, sabe?

TC _ (05:22 - 06:20)

Mana:

Então me encanta muito aqui porque aqui é uma fábrica de vidros reciclados. Então esses vidros vêm de diversas cooperativas de lixo, que vêm de diversos catadores que vão pra rua e colhem vidros que estão na rua e que transformam isso nesse material, nessa matéria prima incrível, que é o vidro que vem do lixo e transforma isso numa fábrica dos sonhos. Uma fábrica que tem esse critério que pra mim é central na minha vida, que é fazer um objeto que seja político, de uma certa forma, né? Que possa transformar o que seria miséria em abundância, né? E saber lidar com os recursos existentes. E aí me emocionou muito porque a primeira vez que eu cheguei aqui os donos da fábrica nunca tinham conhecido uma designer, então eles andavam assim do meu lado como se eu fosse uma coisa exótica! “Nossa ela é designer, ela veio trabalhar com a gente.”

TC _(06:20 - 06:24)

Senhora:

Quase não tem diferença, a diferença é mínima, é centavos.

TC _(06:23 - 06:25)

Senhora 2:

E ele vai poder.

TC _(06:27 - 06:28)

Mulher:

Vamos mais pertinho?

TC _(06:28 - 06:33)

Mana:

Tem um acerto nosso em relação a parede aqui, a espessura ficou boa!

TC _(06:33 - 06:34)

Senhor:

Ficou boa né?

TC _(06:34 - 06:37)

Mana:

Porque eu achei que ela, eu tava com medo dela sair dessa que é pesada.

TC _(06:37 - 06:41)

Senhor:

Não, é. Mas dá pra dar mais umas batidas, mas é.

TC _(06:41-06:52)

Mana:

Essa aqui tá pesada demais. E essa ficou boa, não ficou leve demais. E se você

perceber, ao mesmo tempo ela já é mais grossa do que essa que é fina demais pra um pote de mantimentos, sabe?

TC _(06:53 - 06:53)

Senhor:

É.

TC _(06:54 - 06:57)

Mana:

Então essa tem uma qualidade aqui já, né?

TC _(06:58 - 07:01)

Senhor:

Isso aqui, aguentar aguenta! Ih, não tem isso.

TC _(07:01 - 07:10)

Mana:

Agora, eu acho que o grande diferencial dele, dos potes de mantimentos que já existem, na verdade, é exatamente ele sair do... Ele ter essa coisa que parece que está flutuando né?.

TC _(07:10 - 07:10)

Senhor:

Aham.

TC _(07:16 - 07:18)

Mana:

Aqui a base já é mais plantada.

TC _(07:19 - 07:21)

Mana:

Vou fazer pra todo mundo aqui.

TC _(07:21 - 07:22)

Moça:

O que você está fazendo?

TC _(07:23 - 07:29)

Mana:

É uma sopa de missô com alga pra esquentar a gente.

TC _(07:35 - 08:56)

Mana:

E o meu princípio foi assim: eles eram uma cristaleria, eles não trabalhavam, eles trabalhavam com taças de cristal, com cristal, e aí eles passaram por uma crise financeira e ficaram sem dinheiro para trabalhar com cristal transparente, absoluto, que faz as taças de cristal e aí passaram a ter que trabalhar com vidro reciclado. Numa época em que não era nada interessante porque eles... Então eles passaram a ter, a ficar um pouco oprimidos, com vergonha de ter que ter um vidro que não é 100% transparente e que é um pouco esverdeado, e aí quando eu vim aqui eles falaram: "É, mas você sabe que o nosso vidro não fica totalmente transparente, ele sempre vai ficar um pouco esverdeado." E eu falei: Isso é a beleza do vidro de vocês. Então o que eu fiz foi uma homenagem a eles no sentido de mostrar pra eles o quanto o vidro deles é o mais lindo de todos, porque aí tem essa, tá vendo essa linha esverdeada que dá? Isso aqui é a minha homenagem a eles, pra

mostrar... Olha, eu quero fazer um trabalho que vai ter sempre esse peso, que é um peso referencial ao vidro mais nobre de todos que é o murano, que então dá essa linha verde sabe, na peça? Pra mostrar a materialidade de vocês, pra celebrar esse tom esverdeado do vidro reciclado porque na verdade ser reciclado é a coisa mais contemporânea e mais linda que existe.

TC _(09:33 - 09:53)

Mana:

Então eu desenvolvi uma intimidade muito grande com os donos dessa fábrica, com os operários dessa fábrica, onde eu escrevo poesia pra eles, onde a gente senta, onde a gente tem uma relação que não tem nada. Eu não subestimei em momento algum o potencial de cada pessoa que está aqui, de construir junto comigo os objetos que eu faço.

TC _(09:58 - 10:19)

Mana:

Não tenho experiência com vidro. Eu sou analfabeta em vidro e eu me propus na vida a viver de fazer o que eu nunca fiz. Então eu vivo de fazer o que eu nunca fiz. Eu vim pra essa fábrica sem nunca ter desenhado nada de vidro. Eu não sou uma pessoa que me especializei em cada material mas eu faço de cada projeto uma universidade.

TC _(10:22 - 10:26)

Senhor:

Aí tá bom. Pode tirar o malote, pode tirar.

TC _(10:27 - 11:21)

Mana:

E tudo pra mim surge de um processo que tem a ver com a poesia, não é um processo que tem a ver com desenho mas é um processo que tem origem na poesia. Então, quando eu fui fazer o meu primeiro copo eu falei: o que que significa o copo, o que que é o copo? Ele é uma coisa vazia que só faz sentido quando você enche e quando você esvazia de novo pra botar esse líquido pra dentro de você. É uma relação muito afetiva, ao mesmo tempo tem que caber na sua mão. E aí quando eu fui fazer copo, eu já tinha feito mais de cem desenhos de copo. Eu olhava pros desenhos e já entendia vários copos ali mas eu não entendia dentro de mim o que o copo significava, até que eu fiz um poema, que eu botei um copo e botei uma seta assim: o amor depende desse oco, preenchido do líquido que nos nutre. Quando eu fiz esse poema: o amor depende desse oco, preenchido do líquido que nos nutre, eu entendi que eu tinha feito um copo.

TC _(11:59 - 13:42)

Mana:

Acho que tem um... Tem um tema que tem sido um tema muito forte pra mim assim, pessoalmente e filosoficamente que é o tema de uma nova estrutura celular afetiva. Eu acho que a gente, no século XXI, com toda a liberdade que está se abrindo incrível né? Até que ponto ela é realmente uma liberdade? Porque eu acho que as relações estão muito comprometidas em todos os sentidos né? Daí teve um dia que a minha mãe olhou assim pra tudo o que eu faço e ela por telefone, entre várias coisas falou: "Mana, você é uma designer de relações mesmo né?" Aquele negócio soou tão forte pra dentro de mim, eu

falei: É isso que eu sou, sabe? Eu desenho relações. Não tem nada que me interesse mais, não tem nada que eu ache que seja mais atual e mais missionário pro mundo de hoje do que desenhar relações, eu realmente desenho relações, sabe? E essa obra pra mim, é o ápice dessa minha profissão como designer de relações. É uma obra que tem uma equipe de dezoito pessoas inseridas, dezoito ou vinte, isso é variável assim... Então é uma equipe que você tem geógrafos, arquiteto, designer, artesão, pedagogo, marceneiro. Então assim, é óbvio que isso não é exatamente uma obra que eu desenhei e desenvolvi, eu fiz o desenho dessas relações e essas relações fizeram essa obra.

TC _(14:01 - 14:09)

Mana:

Agora, deixa eu só entender uma coisa que é importante estruturalmente. A gente vai ter que trabalhar tudo com esse bambu grossão, não tem bambu menor.

TC _(14:09 - 14:18)

Rapaz:

Olha pra ponta dele, ele chega numa ponta bem interessante. Oh, a gente selecionando, se não forem muitas, aí é que tá, tem que ver essa relação mas tem bastante peça.

TC _(14:18-14:21)

Mana:

É, e também tem uns pedaços que são muito pequenos né?

TC _(14:21 - 14:51)

Rapaz:

É, e esse pedaço aí a gente repete, por exemplo, esse pedaço aqui oh, é dois metros. Esse aqui então daqui pra cá, se você pega aqui essa do meio, esse aqui vai ser um metro e vinte, esse aqui, entendeu? Aí esse um metro e vinte você aproveita um bambu desses três aqui, de repente. Aqui eu to vendo que a gente vai ter que passar por dois bambus aqui né? Nosso torniquete que é a nossa fixação predileta. A gente vai ainda fixar com a madeira né, que eu acho que não tem o vergalhão ainda.

TC _(14:51 - 14:58)

Mana:

Lucas! Não dá pra gente dar uma cerrada aí nos vergalhões e fazer o teste do vergalhão hoje também?

TC _(15:06 - 15:09)

Mana:

Cara, aí já facilita muito né, com isso aqui?

TC _(15:07 - 15:08)

Rapaz:

Ele fica pendurado.

TC _(15:13 - 16:16)

Rapaz:

Você vê que a força que o troço faz né cara? Doideira.

TC_(15:16 - 15:18)

Mana:

Cara, posso falar, tô desesperada.

TC_(15:21 - 15:24)

Rapaz:

Tem que ser um pouquinho mais grosso, só isso. Ficou maneiro hein.

TC_(15:28 - 16:06)

Mana:

Ficou bom pra caramba. Mas sabe o que tá sendo difícil assim, pra mim, de análise assim? Quando esses aqui, tá. Quando as duas Merkabah se encontram, talvez eu goste mais deles trepados do que com essa separação, sabe? Acho que isso vale a pena, eu queria ter o olhar de vocês, sabe, que todo mundo olhasse. É, porque eu acho que não é muito sincera essa, isso do jeito que tá, sabe? Talvez fosse melhor que eles se encontrassem mesmo e gerassem um grande...

TC_(16:05 - 16:06)

Rapaz:

É só deixar um balancinho maior, Lucas.

TC_(16:06 - 16:09)

Mana:

Eu não sei, eu tô trazendo pra diálogo, eu não tenho uma...

TC_(16:09 - 16:10)

Lucas:

Você tem razão.

TC_(16:10-16:13)

Rapaz:

Só que vai acontecer isso, ela vai perder essa linearidade.

TC_(16:16 - 16:23)

Mana:

Eu sou a favor de um diálogo muito profundo entre a PET e o bambu, sabe? Se é pra fazer um diálogo, que seja um diálogo.

TC_(16:32 - 16:34)

Mana:

Oh, tem tesoura aqui tá gente, se precisar.

TC_(16:34 - 16:35)

Rapaz:

Só não encosta, senão estraga.

TC_(16:43 - 16:51)

Mana:

Quero peça com acabamento. Tem três coisas pra uma peça ser bonita: qualidade, combinação e acabamento, entendeu?

TC_(17:03 - 17:25)

Mana:

A Merkabah, ela faz parte de uma geometria espiritual e é uma geometria ancestral muito antiga ligada à Kabalah e que serve pra ligar o microcosmo com o macrocosmo. É como se essa pirâmide que está de cabeça pra baixo, servisse pra conectar a gente com a terra e a pirâmide que tá pra cima pra conectar a gente com o céu.

TC_(17:31 - 17:41)

Mana:

Ao mesmo tempo que é uma escultura, é uma estrutura. Eu acho que o que é legal é isso, que a gente trabalhou muito pra fazer com que essa estrutura ficasse em pé, sabe?

TC_(17:46 - 18:05)

Mana:

Então um pilar é geometria espiritual, que a Merkabah faz parte da geometria espiritual, o outro pilar é a reciclagem, porque a gente tá trabalhando com uma coisa que é lixo né, o outro pilar é o bambu. Só de colocar o pé no bambu, oh o pé, você já tá trabalhando seu corpo inteiro, você já tá em relação.

TC_(18:46 - 20:46)

Mana:

Espaços públicos. A Terra é redonda. As casas, prédios, edifícios, favelas são feitas de espaços quadrados. Quartos quadrados, salas quadradas. As árvores são redondas. As rochas arredondadas. A Terra, cheia de grãos esféricos. O mar forma o horizonte em forma de arco. O amor não tem ângulos retos. O pensamento é um gráfico multi fórmico. E nada, nada é reto no corpo. As tendas são cheias de parabolóides e o ninho tem gravetos em circunferências quentes. O abraço faz uma leve flexão, do meio de um peito pro outro. E nada, nada é reto no corpo. Nenhum índio nunca morou reto, nem dormiu reto. A rede, a teia, a aldeia, a oca e as mandalas, que são leituras do inconsciente, não tem quinas. Alguém me responde por que tantas quinas? O que é público de direito e de dever? O que te faz viver?

TC_(22:29 - 24:33)

Mana:

Liberdade é muito grande com a escrita, eu me sinto em casa, de verdade assim. É um lugar que eu mais me sinto em casa. Sei lá, se eu não tiver nada, nada na vida. Sabe, quando você pensa na coisa mais assim, uma catástrofe acontece assim, o que que você quer ter como a única coisa na vida? Uma caneta! Não precisa nem ser papel porque eu posso escrever em outra coisa, escrevo em casca de árvore, mas eu preciso escrever, como única coisa. Aí aos poucos realmente a escrita pra mim sempre foi o primeiro lugar da minha expressão. Mas era difícil, porque era o primeiro lugar de uma expressão pra mim, até que isso virou um lugar de uma primeira expressão pro outro.

Eu mesma não sei o que que é a poesia, crônica, conto, eu tenho uma escrita muito solta, muito livre, e é uma expressão. Eu não sei ainda se é poema ou se não é. São coisas que eu preciso escrever. Pra todos os tempos, em todas as civilizações, a mão, sempre foi, a manufatura sempre foi a primeira expressão do pensamento do fazer. O manuscrito tem um tempo maravilhoso. Então a letra manual ela respeita o tempo motor de cada pessoa. Ela respeita o tempo do pensamento, ela respeita o tempo da expressão. E digitalmente, quando você faz assim, aí você faz, você não pode demorar mais que um minuto pra escrever um nome. Se é digital né? Você faz três gestos, enquanto aqui você tem uma questão motora, realmente é uma questão motora. Você está usando o espaço, você tá usando o tempo, você tá usando o seu corpo, você tá usando o seu tempo.

TC_ (24:43 - 25:21)

Mana:

Eu nunca colocava a escrita em primeiro plano, eu sempre me escondi da escrita. Eu comecei a escrever muito nova. Criança, eu já tinha uma expressão com a escrita e depois com dezessete anos eu comecei a escrever umas coisas muito pesadas que saíam de mim num lugar bem de cura mesmo, sabe? Eu escrevia tudo de mão dada, porque não dava tempo de separar. Se eu separasse eu perdia de tão veloz que eram as coisas e eu escrevia umas coisas assim fortíssimas. Com dezessete anos de idade eu escrevi um conto chamado "A mulher do oco sem fim".

TC_ (25:26 - 26:39)

Mana:

A mulher do oco sem fim. Do oco sem fim, surge ela. Misturada e carregada de arquétipos, exaurida por caminhar e percorrer tanto, passou ela batendo de porta em porta. Mais uma vez, mais uma cidade, buscando ser acolhido. Vestida de trapos remendados, não tinha rigores, mas nem tudo servia. Aliás, nada servia no seu mundo. Abortou então los projetos e as ideias de tudo que buscou. Pós aborto repousou embalada por uma brisa e uma canção. Dormiu sem saber da onde vinha aquela canção. Ao despertar, um longo viajante lhe recebe com flores e bom dia. Impressionada, ela passou a chorar e disse que ninguém a apanharia de viver no mundo dela. A mulher do oco sem fim buscava encontrar uma linha, que tua avó perdera ao costurar e tua mãe lhe ensinara que valia milhões, pois era ouriça. Bom, o homem passou a respeitar aquela mulher, e no mesmo instante de seu esparneio de lágrimas se afastou dizendo: te aguardo lá fora. Ela foi.

TC_ (26:43 - 31:22)

Mana:

Primeiro eu comecei a dar aula, com quatorze anos de idade, minha primeira escola foi ser professora. Verdade né? Eu tive um problema muito grave de saúde, passei dois anos sem poder estudar, dos doze aos quatorze eu não pude ir pra escola. Foi muito, muito grave. Porque eu com doze anos eu comecei a ter um negócio muito sério, não conseguia absorver os alimentos e tudo que eu comia eu tinha diarreia e o meu intestino estava se desfazendo. Quando eu tinha doze anos ninguém conseguia diagnosticar, ninguém entendia o que era aquilo, meu pai e minha mãe não entendiam. E aí eu tive que sair da escola porque eu não conseguia mais estudar, porque eu ficava muito fraca. E aí eu quase morri mesmo. Não é tipo eu quase morri, não. Eu quase morri mesmo, passei um ano e os médicos fizeram uma reunião com meus pais e falaram: olha, talvez seja melhor pra ela ir, sabe? Eu fiquei completamente esquelética, esquelética. Não absorvia a nutrição de

nenhum alimento, não chegava a mim. E aí, nessa fase que eu tava quase morrendo, eu fazia colares compulsivamente e eu me curei com a manufatura, eu me curei com o fazer com as mãos. Com o idealizar e construir, idealizar e construir e fazia colares. E no hospital, quando eu ia fazer essa operação, uma pedagoga incrível chamada Iolanda Silva, uma mulher muito forte que trabalhou com os meninos da Candelária. Quando teve o crime da Candelária, ela trabalhava com o Ciro Darlan, que era o Juiz da Vara de menor. Ela começou a acompanhar meu caso, uma mulher muito forte da área de Direitos Humanos. Ela começou a ver que tinha uma situação doida e ao mesmo tempo que eu tava morrendo eu tava fazendo colar e botando minha família pra trabalhar e dava emprego pra um monte de vizinha que ficava fazendo colar e entregava pra um monte de loja, e ela falou: cara, o que que é isso? Tem alguma coisa estranha nessa menina. Uma complexidade muito contraditória. Ao mesmo tempo que ela tá morrendo ela tá super viva, ao mesmo tempo que ela tá desestruturada, ela tá totalmente estruturada, sabe? Então, ela ficou muito interessada em mim e ela começou a cuidar de mim. E ela falou: você quer virar professora? Você quer dar aula? Eu tenho um projeto social que insere meninos das instituições sociais, ex infratores, dentro de museus e a gente transforma esses museus num lugar realmente democrático e público e tal. E eu falei: quero dar aula. Aí e fui operar falando: eu tenho que ficar boa logo porque eu vou virar professora. Operei e assim, um mês depois eu já tava dentro de uma sala de aula. Eu lembro que quando eu cheguei pra dar a primeira aula, cheguei atrasada. Meu despertador não tocou. Cheguei numa sala, Palácio do Catete, Museu da República, e quando eu entrei, tinham 30 meninos. Todos os meninos vinham, na época tinha FUNABEM, FEBEM. Aí, quando eu abri a porta, o menino olhou pra minha cara e falou assim: branca, loira e pequena. Tipo assim, até parece, né? Qualé, tú! Sabe assim? Olhou assim pra minha cara. Tu! Aí eu olhei assim, fiz assim, bati na mesa e olhei pra cara dele com muita força e falei assim: Como é o seu nome? E ele falou: Alessandro. Eu falei, Alessandro, eu sou sua professora. Se você quiser ficar aqui dentro, você me respeita, porque aqui eu sou sua professora. Você já passou perrengue e eu também, e aqui eu sou sua professora. Você me respeita. Ou você fica aqui dentro e a gente vai transformar o que a gente tiver que transformar juntos, tudo a gente transforma, transforma a minha vida, transforma a sua, transforma as coisas do entorno, os materiais, faz arte, faz tudo, aqui. Ou então você vai embora, a porta tá aberta, eu não vou te obrigar a ficar. Esse menino ficou, Alessandro, Lindo! Foi pra Paris, ganhou um prêmio, esse menino era um artistaço. E eu lembro que eu acabei a discussão com ele, tirei todos os meninos e falei: sala quadrada não é lugar pra ninguém aprender nada, vem comigo. Aí eu falei: esses meninos, todos meninos de rua, vou levar pra rua, né? Aí comecei a ir pro Aterro e aí, eu vi vários preconceitos. No Museu da República eu era chamada de “a loirinha dos neguinhos”, que eu levava os meninos pro aterro e deitava no chão com os 30 meninos, e começava a rolar. Gente, vamos rolar no chão! Vamos olhar pro céu, vamos fazer uma linha de joias ligadas ao céu, com as coisas que a gente vai catando pelo caminho. Começa a catar lixo aí galera, vamos transformar lixo em jóia.

TC _ (31:37 - 36:17)

Mana:

Eu comecei fazendo jóias muito cedo, com sete anos de idade. E nessa ocasião fiz uma viagem com o meu pai, de passar quase dois meses em Caraíva, no sul da Bahia, onde tinha a aldeia dos índios Pataxós. E nessa viagem eu fiquei muito impressionada com essa capacidade indígena de olhar pro entorno e transformar os materiais do entorno, os resíduos da própria natureza, a espinha do peixe, a escama do peixe, as sementes, as

folhas secas, as fibras, em objetos pra uso cotidiano, em jóias, em objetos pra rituais, em panela, em fibra, em trama, em moradia, em tudo isso. E quando eu voltei eu não consegui mais comprar material pra fazer meus colares, assim. Ah, eu vou comprar miçanga e fazer colar de miçangas. Eu automaticamente na volta, eu já passei a usar aquela parte dourada do maço do cigarro do meu pai e fazer colares com sobra do maço de cigarro do meu pai e aí começar a ter um olhar muito atento pra todos os resíduos do meu entorno, da minha realidade. E aí eu comecei a fazer os meus objetos com um sistema que é completamente indígena, mas só que o meu entorno urbano não me permitia fazer com as coisas da natureza e eu fazia com resíduos da natureza urbana né, vamos chamar assim. Um dos primeiros colares que eu fiz foi esse, que chama Colar Gude. E essa rede, normalmente é uma rede e vender limão na feira, ela é amarela, ela não existe branca. Então eu queria que ela fosse branca, pra quase que as bolas de gude pudessem flutuar. E eu fui numa fábrica no Sul e tive que pagar uma fortuna pra fábrica desligar a redinha que era feita amarela, limpar todo o maquinário de uma fábrica inteira e poder fazer em branco. Eu passei mais um ano desenvolvendo esse fecho, que é um fecho de ímã e que ele tinha que ser tão forte que ele segurasse o peso das bolas de gude, que é um colar pesadinho, e ele pudesse aberto, ser mantido na porta da geladeira com um ímã muito potente que segurasse. Então demorei quase um ano só pra desenvolver esse fecho, com idas e vindas, processos, trabalhos, até ele poder ser esférico. E tem um processo da rede entrar aqui e queimar por dentro isso, entrar na pressão sem cola e ele ser absorvido só na pressão, ele não sair. Foi um ano de processo pra desenvolver e eu acreditei muito nesse colar, que chama Colar Gude. Depois ele ganhou um prêmio muito sério como melhor acessório do ano num selo de design, que chama Top 21. Eu acho que jóia pra mim, elas sempre foram um índice do que eu gostaria de fazer, meio que um rito de passagem pro que eu faço hoje. O que eu faço hoje como objeto carrega o mesmo significado que jóia se você pensar, significa: Menor tamanho pra maior valor. É uma coisa muito pequena e que tem muito valor, que é precioso e que ao mesmo tempo também é um arquétipo de delicadeza, ao mesmo tempo é um arquétipo de um momento forte onde você quer presentear alguém por um momento da vida da outra pessoa, então você vai dar uma jóia pro outro. Então é uma coisa que é pequena e tem muito valor, sabe? Então é como se eu precisasse experimentar esse significado da palavra jóia, inclusive ampliar esse significado. Porque tem que ser só o que é. Porque inclusive no dicionário tem isso relacionado a metais duros que vão permanecer durante várias gerações. E eu contestei esse significado e sempre peitei. Olha o que eu faço é joia independente do material. Aí eu criei uma frase que é a frase que eu tenho na embalagem de todas as minhas jóias, que é: O poder de transformação é a jóia de ser humano. Então assim, foi através das jóias que eu me curei, fazendo essas jóias, e através das jóias que de uma certa forma eu curo um processo no mundo. Tanto de transformar o que é lixo em jóia, porque isso é um processo muito demorado, como de gerar renda pra várias mulheres que até hoje fazem as minhas jóias e que então, por isso eu não parei de fazer as jóias porque isso ainda gera renda pra algumas mulheres.

TC_ (37:08 - 37:34)

Mana:

Eu amo né, eu amo cozinhar. Todos os dias, eu posso chegar exausta, virada assim, de um trabalho... E as pessoas ficam assustadas: mas você ainda vai pra cozinha? Eu falo: Ah, aqui é que eu me curo, sabe? Deixa eu começar aqui a misturar os alimentos, eu amo cozinhar! Amo, amo, amo, profundamente.

TC_ (37:38 - 38:21)

Mana:

Eu sempre acho que a alimentação, pra mim, é o eixo da cura. Não só a alimentação, mas tudo que envolve essa beleza nutricional de cor, aroma. Porque pra mim isso aqui, a cozinha, é o templo sensorial, então cor, aroma, textura, sabor. Tanto pro design é fundamental, o maior laboratório que eu tenho de cores, de texturas, de sabor, de formas. Acho que todo artista devia cozinhar, na verdade, sabia? Porque é um templo sensorial. Quer entrar num templo sensorial? Você cozinha.

TC_ (38:29 - 38:31)

Mana:

Templo sensorial.

TC _ (39:58 - 40:22)

Mana:

Isso é uma lentilha germinada e depois cozida na panela de barro, com abóbora, cardamomo, cominho e alga hijiki, que é uma alga deliciosa, que é super proteica. Eu amo algas.

TC _ (40:32 - 41:37)

Mana:

Sem contar que a cozinha é uma matemática linda. Você vai, a batata doce tá no fogo, suco verde. Como eu não como açúcar nem farinha, eu viajo com muita marmitta e com muita coisa. Tipo sempre levo um quilo de tâmaras, alho negro, gengibre, eu sempre levo. Até pra comer, fazer chá em voo internacional, que é muito bom porque o ar condicionado faz com que a gente quebre muito a nossa temperatura, então sempre levo um chá de gengibre. Faço muita marmitta também. Quando vou passar o dia fora, acordo cedo e faço uma comidona e levo. Quando o meu marido vai viajar, a noite eu preparo um case de comidas pra ele levar. Eu amo cozinhar na panela de barro, então a minha comida é feita toda assim, no vapor ou na panela de barro.

FIM